

POLÍTICA E RETÓRICA NA GRÉCIA ANTIGA: uma leitura da biografia plutarquiana de Alcibiades

MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA SILVA*

RESUMO

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a relação entre a prática política e a retórica na Grécia clássica. Como estudo de caso, selecionamos as informações contidas na biografia de Alcibiades composta por Plutarco de Queroneia, com o escopo de demonstrar que o profundo conhecimento das técnicas retóricas tornava possível a aprovação das propostas de um político nas assembleias.

PALAVRAS-CHAVE: Plutarco, Alcibiades, política, retórica

ABSTRACT

This paper is aimed at discussing the relationship between the political and rhetoric practice in Classical Greece. As a case study, data found in the Alcibiades biography by Plutarch of Chaeronea was selected to demonstrate that deep knowledge of rhetorical techniques made possible to approve the proposals of a politician in the assemblies.

KEY WORDS: Plutarch, Alcibiades, politics, rhetoric

Nos últimos trinta anos, os acirrados debates dos filósofos da linguagem contribuíram sobremaneira para a interpretação dos fatos históricos na questão do uso da persuasão como elemento essencial tanto nas intenções regentes na elaboração uma obra quanto nos pensamentos motivadores das ações de uma personagem. Nós, historiadores do mundo antigo, transpomos tais inquietações para o que denominamos respectivamente fonte e agente histórico. Esse debate encerra o conceito de que a persuasão afluí em um determinado contexto, para um determinado público, que delineiam as ações de uma determinada personagem, e todos convergem para um só ponto: a verdade. Daí o autor de um texto histórico procurar convencer seu leitor de que expressa a verdade dos fatos, por estar fundamentado por informações recolhidas em

* Doutora em História Social pela USP. Pós-doutoranda em Estudos Literários na UNESP – Campus Araraquara

processo de investigação. Já a personagem política busca persuadir seus coetâneos de que suas pretensões são guiadas pelo interesse coletivo. E essa intersecção entre esses conceitos históricos e semiológicos revela os cuidados que o investigador deve ter ao entrar em contato com um texto, e retirar a ingenuidade de confiar completamente no registro, assim como fizeram os primeiros historiadores modernos.

Na Grécia antiga, a partir do século VI a.C., vemos o florescimento da técnica retórica no cenário jurídico, um símbolo da evolução da noção de justiça, pois antes os julgamentos eram proferidos por reis e tiranos que decidiam à vontade o desfecho de uma querela, sem que houvesse debates ou leis que os guiassem. No entanto, por seu caráter incipiente, os retóricos atuavam de forma a convencer os magistrados sobre a inocência de seu cliente, uma vez que recebiam grandes quantias para fazê-lo, e para isso buscavam o argumento pelo argumento, apenas para vencer sua causa. Tal postura será alvo de críticas nos séculos posteriores, em particular, de Platão. O filósofo ateniense escreverá diálogos em que se posicionará contra a retórica dos sofistas, como eram conhecidos os professores de retórica mais afamados de sua época, dada a inconsistência de suas argumentações.

A questão central é que Platão trata a linguagem e a argumentação como algo científico, sempre em busca da verdade, como pertencentes ao campo da filosofia, daí sua rejeição “às técnicas dos retóricos e dos sofistas, que se contentam em fazer admitir opiniões tão variadas quanto enganadoras” (PERELMAN, 1993: 25). As preocupações do filósofo espelham seu contexto histórico, quando a cidade de Atenas estava enfraquecida, seu sistema político deteriorado por líderes que manobravam os cidadãos nas assembleias em favor de seus próprios interesses, cidadãos descrentes da eficiência do modelo da cidade-estado; empobrecidos, serviam como mercenários em exércitos estrangeiros. Dentro desse quadro desolador, Platão reflete sobre as terríveis consequências de a retórica ter ganho enorme importância na democracia ateniense, em que o saber falar, para persuadir e convencer, tornou-se a força motriz da política em sua cidade.

Nesse sentido, selecionamos a figura política de Alcibiades, por sua reconhecida habilidade retórica, a fim de demonstrar a intrínseca relação entre retórica e política na Grécia antiga. De acordo com a biografia plutarquiana de Alcibiades, nosso político teve como tutores seus parentes Péricles e Arifronte, filhos de Xântipo, membros da prestigiada família ateniense dos Alcmeônidas. Em sua juventude, travou amizade com Sócrates que o influenciara sobremaneira na construção de sua concepção de mundo, o que colaborou para a edificação de sua glória pessoal. Também encontramos um volume considerável de informações sobre

Alcibíades na obra de Tucídides. O historiador relata que o ateniense alcançou prestígio ainda muito jovem, e explica tal fato por causa de sua origem aristocrática, e não faz qualquer citação sobre sua amizade com Sócrates (*História da Guerra do Peloponeso*, IV, 43). Já Plutarco, além de fazer referência à notável beleza física de Alcibíades que perdurou até a fase adulta (*Vida de Alcibíades*, I, 2-3), também destaca sua habilidade de persuadir seus ouvintes, com a seguinte observação:

Dizem que seu gaguejar concordava com sua linguagem e que isso lhe fornecia a capacidade de persuadir pela fala, porque irradiava graça. (*Vida de Alcibíades*, I, 6-7)¹

A habilidade retórica de nossa personagem é logo registrada por Plutarco, pois esta lhe será útil nos mais diferentes contextos, conforme veremos nas páginas seguintes. Não por acaso, Plutarco principia a biografia de Alcibíades revelando seu contato com Péricles, grande político ateniense, famoso por seus persuasivos discursos na Assembleia, e que tinha neles o seu maior trunfo². Daí depreendermos a importância de Péricles na formação política de Alcibíades, uma vez que seus discursos igualmente demonstravam graça e poder de persuasão. Plutarco segue seu relato salientando o caráter instável do político ateniense, e narra vários episódios em que sua irrascibilidade se fez ver ainda em seus verdes anos. Alcibíades se recusou a aprender a tocar flauta, preferindo o plectro e a lira, por estes instrumentos possibilitarem sua execução sem prejuízo da fala, fato que revela sua propensão para a retórica (*Vida de Alcibíades*, II, 5-6)³.

Conforme Plutarco, a amizade de Sócrates atua como freio aos impulsos violentos e às ações impensadas de Alcibíades, isso em virtude de seu contato direto com a filosofia:

E considerou que a ação de Sócrates era um serviço dos deuses para os jovens, um cuidado e uma salvação para eles. E despreocupou-se de si mesmo, por admirar aquele, amando seu amor pela temperança e respeitando a virtude, desapareceu-se do reflexo do amor, do qual nos fala Platão⁴. (*Vida de Alcibíades*, IV, 4)

¹ As traduções da obra plutarquiana apresentadas ao longo deste artigo foram realizadas pela autora.

² Moses Finley elabora uma análise acurada da política ateniense do século V a.C. e conclui ser improvável que Péricles tenha convencido os atenienses somente por intermédio de seus discursos em Assembleia (FINLEY, 1996: 76-80).

³ Como demonstra Duff, Plutarco traça o caráter de sua personagem desde a infância, quando nos apresenta episódios que delineiam toda a trajetória de sua vida. Ver Timothy E. Duff, *The First Five Anecdotes of Plutarch's Life of Alcibiades* (2005: 158).

⁴ Ver *Fedro*, 255d.

Apesar dessa demonstração do aprendizado filosófico de Alcibiades, Plutarco afirma que somente Sócrates usufruía de seu respeito e que reservava o desprezo aos demais. Convém notar que nosso autor afirma que Alcibiades não percebia que adquiria valores morais mais elevados, o que explica pela teoria platônica do amor, pelo que postula esse sentimento ser algo que inspira o bem, por haver nessa relação o denominado “reflexo do amor” (*eidōlon érōtos*). No entanto, a influência benéfica de Sócrates não se mostra suficiente para conter o impetuoso caráter de Alcibiades, posto que ainda comete atos irascíveis, como agressões físicas a cidadãos atenienses e o desrespeito aos familiares. A vida dissoluta de Alcibiades merece a atenção de Plutarco. Nosso autor faz referência ao relato de Tucídides em que o historiador apresenta o político ateniense como um homem regido pelas vontades pessoais e que não media gastos para concretizá-las (*História da Guerra do Peloponeso*, VI, 15). Daí Plutarco associar a riqueza do político ateniense à sua dificuldade de absorção dos valores filosóficos, pois muitos indivíduos desprovidos de moral o cercavam, por conta do dinheiro e do prestígio que sustentava.

Assim, a condição econômica privilegiada de Alcibiades teria favorecido sua entrada no cenário político ateniense. Segundo Plutarco, tal fato ocorreu sem planejamento prévio. Nosso autor descreve o episódio acontecido durante uma assembleia em que houve a solicitação de donativos e, por coincidência, Alcibiades passava por lá nesse momento, o que denota seu desinteresse inicial pelos assuntos políticos. No entanto, após ter sido aclamado pelos presentes, e indicado para ocupar um lugar na tribuna não apenas pela quantia que destinou à cidade, mas também pelos seus honrados antepassados, inúmeros amigos e atos corajosos nos combates, Alcibiades revelou interesse pela política, porque pretendia exercitar suas habilidades retóricas e ter grande ascendência sobre o povo. Tais aspirações se revelaram factíveis, como podemos ver no trecho a seguir:

Ele considerava que, mais do que ninguém, tinha a graça discursiva para dominar a multidão. Porque havia tal habilidade em seu discursar, os cômicos testemunham isso, também o mais capaz dos oradores que, em *Contra Mídias*, afirma ter sido Alcibiades o mais hábil no discursar, por abraçar outras habilidades. (*Vida de Alcibiades*, X, 3-4)

E Plutarco segue sua narrativa afirmando que Teofrasto, historiador do século IV a.C., registra que Alcibiades, por sua singular habilidade retórica, discursava em consonância com o que sua plateia esperava ouvir em determinada circunstância. Ao lado de sua sagacidade retórica, o político ateniense tomava medidas que o tornavam mais popular em

territórios fora da jurisdição de Atenas, como a participação nas corridas de carros e cavalos na cidade de Olímpia, demonstrando ainda sua riqueza, pois fora o único a inscrever sete carros em uma única competição. Os êxitos de seus discursos nas assembleias garantiam seu destaque no cenário político de sua cidade natal, enquanto os sucessos amealhados nas competições olímpicas trouxeram-lhe notoriedade em várias regiões da Grécia, tais como Olímpia, Éfeso, Lesbos e outras. Assim, Alcibíades assentava sua fama em toda a Grécia de seu tempo.

No décimo terceiro capítulo, Plutarco ressalta que a inserção de Alcibíades no quadro político de Atenas ocorreu ainda na sua adolescência, demonstrando seu talento nato para a persuasão, qualidade determinante para sua prosperidade na política, uma vez que ofuscou os demais oradores atenienses. Tal habilidade despertou a oposição de três políticos atenienses – Feace, Nícias e Hipérbolo –, mas, apesar disso, o povo permanecia a apoiá-lo em suas propostas. Plutarco faz referência ao conluio de Alcibíades com vários partidos e Nícias, para que convencessem os atenienses à condenação de Hipérbolo ao ostracismo, em 417 a.C. Contudo, será na biografia de Aristides que Plutarco descreverá o momento histórico do evento e explicará as razões que levaram Hipérbolo a ser alvo de tal expediente:

Quando alguns de origem não-nobre começaram a ser submetidos, também homens vis, a esse assunto, baniram Hipérbolo por ostracismo, enfim, cessando-o em tudo. Diz-se que Hipérbolo foi banido por ostracismo por tal motivo: Alcibíades e Nícias, em muito poderosos na cidade, estavam em desacordo. Então, como o povo iria conduzir o óstraco⁵, e era evidente que um ou outro seria grafado nele, articularam um com o outro e transferiram suas outras dissensões para ele, e prepararam para que Hipérbolo fosse banido por ostracismo. Por isso o povo, porque se sentia insultado e ultrajado pelo fato, abandonou e dissolveu por completo o ostracismo. (*Vida de Aristides*, VII, 3-4).

O apoio de Nícias na empreitada contra Hipérbolo não acalmou a disputa política entre ele e Alcibíades. Nosso autor relata que este não suportava a glória de Nícias obtida após o estabelecimento da paz entre atenienses e espartanos, o que despertava um sentimento de inveja em Alcibíades, por isso ele incitou atenienses e aliados à quebra do acordo, com o intuito de reiniciar o conflito e desmerecer o feito do general ateniense. Mas o maior objetivo de Alcibíades era empreender uma expedição para conquista da Sicília, pois a paz de Nícias representava

⁵ Citamos a definição encontrada no verbete de Houaiss: concha ou pedaço de terracota em que os antigos gregos escreviam o nome do cidadão que queriam banir.

um empecilho para tais planos. O relato plutarquiano se aproxima do de Tucídides, que assim descreve o momento:

Parecia-lhe melhor aproximar-se dos argivos; além disso ele se opunha ao tratado porque ficou ferido em seu orgulho pela circunstância de os lacedemônios o terem negociado por intermédio de Nícias e Laques, ignorando-o em consequência de sua juventude, e não lhe mostrando o respeito devido em face de antiga relação de proxenia⁶ [...]. Considerando-se, portanto, diminuído sob todos os aspectos, ele desde o princípio manifestou-se contra o tratado, alegando que os lacedemônios não eram dignos de confiança. (*História da Guerra do Peloponeso*, V, 43).

No entanto, de acordo com o relato plutarquiano, embora tivesse sido derrotado por Nícias na questão da paz, Alcibiades, por seu enorme apoio popular, estimulou o partido aristocrata a convencer o general ateniense a participar da expedição da Sicília; e mesmo que contra a vontade, Nícias aceitou o cargo de estratego e tomou parte na empreitada, uma vez que sua finalidade era contrabalançar o poder com Alcibiades (*Vida de Alcibiades*, XVIII, 1). Tucídides apresenta outra versão para o fato relatando:

O defensor mais veemente da expedição era Alcibiades, filho de Clíncias, desejoso de opor-se a Nícias, seu adversário político e que, além disso, o havia atacado antes; acima de tudo, porém, ele sempre ansiou por ser nomeado comandante, alardeando que iria subjugar a Sicília e Cartago e, ao mesmo tempo, servir aos seus interesses pessoais em termos de riqueza e de glória. Desfrutando até então de grande prestígio entre os habitantes da cidade, ele sempre cuidou de satisfazer seus próprios caprichos muito além do que lhe permitia suas posses, tanto na criação de cavalos quanto em outros gastos, e não foi pequena a influência desses nos desmandos na ruína de Atenas⁷ (*História da Guerra do Peloponeso*, VI, 15).

Em seguida, o historiador ateniense transcreve o longo discurso proferido por Alcibiades para que obtivesse o comando da expedição, que convenceu atenienses e aliados a realizá-la⁸. Logo após a aprovação da

⁶ Hospitalidade dada a um hóspede estrangeiro.

⁷ Apesar de Tucídides reconhecê-lo como um político que arruína a cidade, o historiador reconhece que Alcibiades é o homem mais brilhante de seu tempo (I, 138). Sobre esse parecer tucidiano, ver Edmund Bloedow, "Alcibiades 'brilliant' or 'intelligent'?" (1992: 139-157).

⁸ Para Henderson, a obra tucidiana demonstra o destaque que os políticos atenienses alcançavam por intermédio do domínio das técnicas retóricas, por isso registrará as influências de Cléon a Alcibiades, como forma de criticar essa tendência na política ateniense. Como vimos, Tucídides conclui que Alcibiades trouxera muitos males para sua cidade, daí sua censura à

expedição, Plutarco narra o evento da mutilação das Hermas⁹, em que Alcibiades fora acusado de ser o autor junto com outros jovens embriagados, fato apresentado como um sinal de mau agouro, principalmente por ter ocorrido na noite anterior à partida da expedição. Em meio às discussões sobre a veracidade dos fatos e o julgamento de Alcibiades, este consegue partir ao lado de Nícias, porém a contenda se desenvolve na cidade e surgem testemunhas e acusações contra o político atenienses. A aprovação das severas punições requeridas por seus inimigos tornou inviável o retorno de Alcibiades à cidade de Atenas, o que o impeliu a exilar-se em Esparta¹⁰.

É interessante notar que a habilidade retórica de Alcibiades manifesta-se por igual na cidade de Esparta. Plutarco registra que nossa personagem foi bem recebida na cidade e que logo convence os espartanos à implementação de resoluções favoráveis a suas aspirações políticas, atuando como um conselheiro oportuno¹¹. Alcibiades instruiu-os a organizar uma expedição em socorro aos siracusanos e a colocar Gílipio no comando, também à retomada da batalha contra os atenienses na Grécia, e ainda a fortificação da cidade de Deceleia, o que resultou em êxito militar aos espartanos. A adoção dos costumes e dos hábitos dos espartanos por Alcibiades aparece como elemento de coesão entre o político e os cidadãos, conforme verificamos neste relato:

Honrado e admirado por sua política pública, não menos pela privada, nesse momento, ganhou a popularidade entre muitos, e os enfeitiçou com seus hábitos lacônios, de modo que eles o viam com cabelos longos sobre a pele, tomando banho com água fria, partilhando o pão e servindo-se da sopa negra, difícil era acreditar e aceitar que um dia houve em sua casa um cozinheiro, assim também, ver que o homem tivera um perfumista ou vestira uma clâmide milésia¹². Dizem que sua maior habilidade era sempre ter um expediente que atingia os homens, bem como assimilar e comungar os hábitos, remetendo-se aos comportamentos sagazes do camaleão. (*Vida de Alcibiades*, XXIII, 3-5)

demagogia retórica dessa personagem. Ver John Henderson, "The Runaround: a Volume Retrospect on Ancient Rhetoric" (2009: 282).

⁹ Monumentos que homenageavam o deus grego Hermes, o mensageiro de Zeus.

¹⁰ Ver os capítulos XVIII a XXII da biografia de Alcibiades.

¹¹ Westlake faz uma análise do discurso proferido por Alcibiades em Esparta, que convenceu e agradou a todos, e despertou a rivalidade do rei Agis. Ver: H. D. WESTLAKE, *Alcibiades, Agis and Spartan Policy* (1938: 31-48).

¹² A clâmide era um manto preso a um broche; a milésia era a mais cara e refinada de toda a Grécia.

Ao compararmos esse registro tucididiano com o de Plutarco em que cita Demóstenes, torna-se clara a afirmação do orador ateniense, em seu discurso *Contra Mídias*, de que Alcibiades era “o mais hábil no discursar, por abraçar outras habilidades”. Então, vemos aqui sua capacidade de adaptação aos diversos ambientes, uma habilidade que tornava sua personalidade maleável e lhe propiciava a aproximação com diferentes povos. Igualmente Plutarco revela que, após a fragorosa derrota ateniense na Sicília, vários habitantes das ilhas procuraram por Alcibiades em Esparta, em busca de seu socorro, entre elas, Quios, Lesbos e Cízico, antigas aliadas de Atenas. Isso revela sua fama de bom general entre os gregos. A eloquência e a beleza física do político, segundo Plutarco, não passaram despercebidas por Timaiia, rainha espartana, esposa de Ágis, e do envolvimento deles teria nascido Leotíquidas. Nosso autor conta que a finalidade de Alcibiades com tal romance era deixar um descendente seu reinando em Esparta, mas o ardil foi descoberto pelo rei Ágis que logo retirou o direito à sucessão real do bastardo. Na visão plutarquiana, o rei espartano também se mostrava incomodado com a fama que ele adquirira na cidade, e tramou o assassinato do ateniense, o que forçou Alcibiades a refugiar-se na corte de Tissafernes, sátrapa da Lídia e da Cária, possessões persas do rei Artaxerxes (*Vida de Alcibiades*, XXIV, 1-5).

Não foi preciso muito tempo para que Alcibiades se destacasse na corte persa, fato que Plutarco explica pela sagacidade e habilidade discursiva de nossa personagem, que a todos encantava. O mais paradoxal em sua narrativa é que Plutarco afirma que, dentre os persas, Tissafernes era o que mais demonstrava aversão aos gregos, mesmo assim Alcibiades o conquistou com sua conversa agradável. Contudo, a simpatia do sátrapa não se dava de forma gratuita: Alcibiades o aconselhava com sabedoria, dizia-lhe que deveria fomentar a guerra entre atenienses e espartanos, atitude que, segundo o político ateniense, facilitaria a dominação persa sobre eles, uma vez que estariam enfraquecidos com as batalhas. O apoio de Alcibiades aos persas resultou em vitórias militares e políticas de Tissafernes em território grego, a ponto de Plutarco escrever que os atenienses se arrependeram de terem lançado decretos contra ele. Por seu lado, Alcibiades não intentava a destruição completa de Atenas, pois não queria que os lacedemônios a tomassem, daí haver interferido secretamente a favor de seu povo, quando auxiliou os habitantes da ilha de Samos¹³.

¹³ O vigésimo quinto capítulo da biografia de Alcibiades é dedicado à narrativa dos sucessos do ateniense na corte persa, bem como à nostalgia tanto dele quanto dos atenienses do período em que ele conduzia os assuntos políticos da cidade. Assim,

Convém destacar que Tucídides apresenta uma versão diferente para o refúgio de Alcibiades na corte persa de Tissafernes. O historiador não menciona a suposta traição da rainha espartana, mas destaca que Ágis era inimigo pessoal de Alcibiades por considerá-lo inconfiável, daí haver solicitado aos lacedemônios que o matassem. Informado sobre as decisões do rei espartano, Alcibiades parte em fuga para a corte de Tissafernes, onde atua como conselheiro do sátrapa e passa a articular contra os espartanos (*História da Guerra do Peloponeso*, VIII, 45). Tucídides acrescenta:

Alcibiades dera aqueles conselhos a Tissafernes e ao Rie enquanto estava sob sua proteção, não somente por acreditar que fossem os melhores, mas também porque ao mesmo tempo estava trabalhando para assegurar seu retorno à pátria, ciente de que, se a livrasse da ruína, algum dia poderia convencer os seus concidadãos a recebê-lo de volta. (*História da Guerra do Peloponeso*, VIII, 47)

Na sequência desse passo, o historiador ateniense também registra os motivos que levaram os atenienses de Samos, que Plutarco denomina sâmios, a solicitar a ajuda de Alcibiades, como lemos a seguir:

Os soldados atenienses em Samos perceberam a sua grande ascendência sobre Tissafernes, em parte porque Alcibiades mandava mensagens aos mais influentes entre eles, no sentido de fazerem menção ao seu nome aos homens de maior prestígio dizendo-lhes que ele desejava voltar à pátria, mas sob um regime oligárquico [...]. Aquele movimento se manifestou inicialmente no acampamento em Samos e depois alastrou-se pela cidade de Atenas; depois alguns homens saíram de Samos para conferenciar com Alcibiades [...]. Regressando a Samos, aqueles homens começaram a atrair para a conspiração as pessoas que lhes podiam ser mais úteis. (*História da Guerra do Peloponeso*, VIII, 47-48).

Tal Tucídides, Plutarco afirma que Alcibiades não pretendia, de fato, estabelecer o regime oligárquico em Atenas, mas que se tratava de uma manobra retórica para atrair partidos contrários na cidade ática, e assim o fez. Quando convocado a retornar a Samos, o político ateniense discursou para convencê-los de que seria necessário travar batalhas a favor dos atenienses e que isso deveria ocorrer em um quadro de união entre os partidos. Segundo Plutarco, não apenas os discursos elaborados, mas também as demonstrações de capacidade de comando militar foram decisivos para que os sâmios conduzissem Alcibiades ao

Plutarco entabula a proteção de Alcibiades aos sâmios e igualmente justifica a convocação dele para ser nomeado estrategista (general) na ilha, relatada no capítulo 26.

cenário político-militar da região. Ao assumir o comando militar em Samos, Alcibiades passou a socorrer os atenienses em batalhas contra os lacedemônios, com o intuito de engrandecer sua fama e de retornar glorioso à sua cidade, que já havia lhe acenado com um retorno, mas, como Plutarco descreve, ele não queria voltar como devedor de favores, ao contrário, pretendia retornar pleno de glória e com os atenienses a agradecê-lo. Então, Alcibiades travou inúmeras batalhas, conquistando grande reputação, superando os revezes com batalhas e discursos, estruturando-se para seu aguardado retorno à cidade de Atenas¹⁴, relatado com estas palavras de nosso autor:

Alcibiades já estava ansioso para ver as coisas em sua pátria e mais ainda queria ser visto pelos cidadãos, porque fora vitorioso várias vezes em muitas guerras, e por isso celebrado. As trirremes dos áticos estavam ornamentadas e cercadas de muitos escudos e butins. E ele arrastava os cativos, e ainda levava consigo muitos adornos das proas dos navios conquistados e destruídos por ele, que juntos não contabilizavam menos de duzentos. (*Vida de Alcibiades*, XXXII, 1-2).

Ao desembarcar, Alcibiades recebeu duas formas distintas de tratamento: de um lado foi aclamado e coroado pelo povo, e de outro, alguns lembravam do fracasso ocorrido na Sicília e lhe atribuíam a responsabilidade por esse infortúnio. A despeito disso, Alcibiades, que tivera todas as sanções contra ele revogadas, subiu na tribuna e discursou ao povo, incitando-o a ter coragem e retomar o poder ateniense no mar. Em consequência disso, Alcibiades foi reconduzido ao cargo de estrategista e recebeu inúmeras homenagens dos presentes (*Vida de Alcibiades*, XXXIII, 5-7). Assim, conforme as expectativas do político ateniense, cem navios foram equipadas para que ele partisse em expedição no mar. Contudo, Plutarco relata que o estrategista ateniense apanhou novas derrotas, que fortaleceram seu inimigo Trasíbulo. Diante desse quadro, quando ainda estava em luta na Trácia, seu adversário convenceu os atenienses a elegerem outros estrategistas e destituir Alcibiades do posto (*Vida de Alcibiades*, XXXV, 1-5). As medidas tomadas não surtiram efeito, pois logo o general espartano Lisandro travou combate contra os atenienses e conseguiu tomar a cidade e destruir as Longas Murallas, enquanto Alcibiades se retirava para a Bitínia, segundo Plutarco, por temer o poderio militar de Lisandro (*Vida de Alcibiades*, XXXVII, 4-5).

¹⁴ Segundo as conclusões de Nagy, Alcibiades teria chegado a Atenas em um dia festivo do calendário religioso ateniense, o que configuraria uma profanação dos costumes. Para mais detalhes, ver Blaise Nagy, "Alcibiades' Second 'Profanation'" (1994: 275-285).

Na Bitínia, o político ateniense decidiu exilar-se novamente na corte persa de Tissafernes, onde foi prontamente acolhido e recebeu honrarias. Plutarco revela que os atenienses estavam inconformados com a atitude de Alcibíades e nutriam desejo de vingança, pois a cidade estava dominada pelos espartanos e esperavam que ele viesse socorrê-los. Então, os atenienses solicitaram aos partidários de Lisandro em Atenas que providenciassem a eliminação de Alcibíades, pedido que foi atendido (*Vida de Alcibíades*, XXXVII, 3-6). Assim, o general espartano enviou um emissário a Tissafernes solicitando que este assassinasse o ateniense. Para agradar Lisandro, o sátrapa ordenou que seus soldados o matassem. Alcibíades se encontrava na casa de uma cortesã na Frígia, quando os soldados persas incendiaram o recinto com eles dentro. Conforme a narrativa plutarquiana, o ateniense resistiu e apagou o fogo, mas os soldados consumaram a ordem de Tissafernes atirando-lhe dardos e flechas (*Vida de Alcibíades*, XXXIX, 1-3)¹⁵.

Assim, vemos que a habilidade retórica de Alcibíades trouxe-lhe muitos êxitos em diferentes regiões do mundo antigo. Afirma-se que o dinheiro também contribuíra para o seu sucesso na política, por conta de suas contribuições à cidade. Ainda a participação em competições públicas, bem como sua capacidade de adaptação a locais diferentes, fortaleciam o prestígio granjeado com seu talento retórico. Convém lembrar que a arte retórica está na base da educação do aristocrata grego. Assim, se Alcibíades não fosse oriundo de uma família rica, não teria conhecido os meandros do discurso político e não teria atingido a reconhecida projeção no contexto político¹⁶. O comportamento de Alcibíades aproximava-o de seus ouvintes. Como Romilly conclui, os reverses de nossa personagem ocorreram em virtude de sua extremada ambição que o fazia atuar sempre em favor de sua glória pessoal (ROMILLY, 1996: 77), o que não lhe retira a reputação de um grande orador do mundo grego ao lado de Péricles.

¹⁵ Após a vitória de Lisandro sobre o exército de Alcibíades, na batalha de Egos Potamos, região da Trácia, a cidade ateniense foi dominada pelos Trinta Tiranos, os quais deliberaram o banimento de Alcibíades da Grécia, e por sua vez ele se refugiou na corte de Tissafernes. Contudo, o sátrapa alia-se a Lisandro e aceita seu pedido para eliminar o político ateniense. Tal episódio é minuciosamente analisado por Bernadotte Perrin em "The Death of Alcibíades" (1906: 25-37).

¹⁶ Sobre a aprendizagem da arte retórica na Grécia antiga, ver Joy Connoly, "The Politics of Rhetorical Education" (2009: 126-143).

Fontes

PLUTARCH. *Life of Alcibiades*. Lives. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006. v. 4.

_____. *Life of Aristides*. Lives. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press, 2006. v. 2.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UnB, 1982.

Bibliografia

BLOEDOW, Edmund. Alcibiades 'brilliant' or 'intelligent'? *Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 41, n. 2, p. 139-157, 1992.

CONNOLLY, Joy. The Politics of Rhetorical Education. In: GUNDERSON, Eric (Ed.). *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 126-143.

DUFF, Timothy E. The First Five Anecdotes of Plutarch's *Life of Alcibiades*. In: DE BLOIS, Lukas; BONS, Jeroen; KESSELS, Ton; SCHENKEVELD, Dirk M. (Eds.). *The Statesman in Plutarch's Works. Mnemosyne Supplementum*, 2005. v. 2, p. 157-166.

HENDERSON, John. The Runaround: a Volume Retrospect on Ancient Rhetoric. In: GUNDERSON, Eric (Ed.). *The Cambridge Companion to Ancient Rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 278-290.

FINLEY, Moses. *Politics in the Ancient World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

NAGY, Blaise. Alcibiades' Second "Profanation". *Zeitschrift für Alte Geschichte*, v. 43, n. 3, p. 275-285, 1994.

PERELMAN, Chaim. *O Império Retórico: retórica e argumentação*. Lisboa: Asa, 1993.

PERRIN, Bernadotte. The Death of Alcibiades. *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 37, p. 25-37, 1906.

ROMILLY, Jacqueline. *Alcibiades, ou os perigos da ambição*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

WESTLAKE, H. D. Alcibiades, Agis and Spartan Policy. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 58, part I, p. 31-48, 1938.